



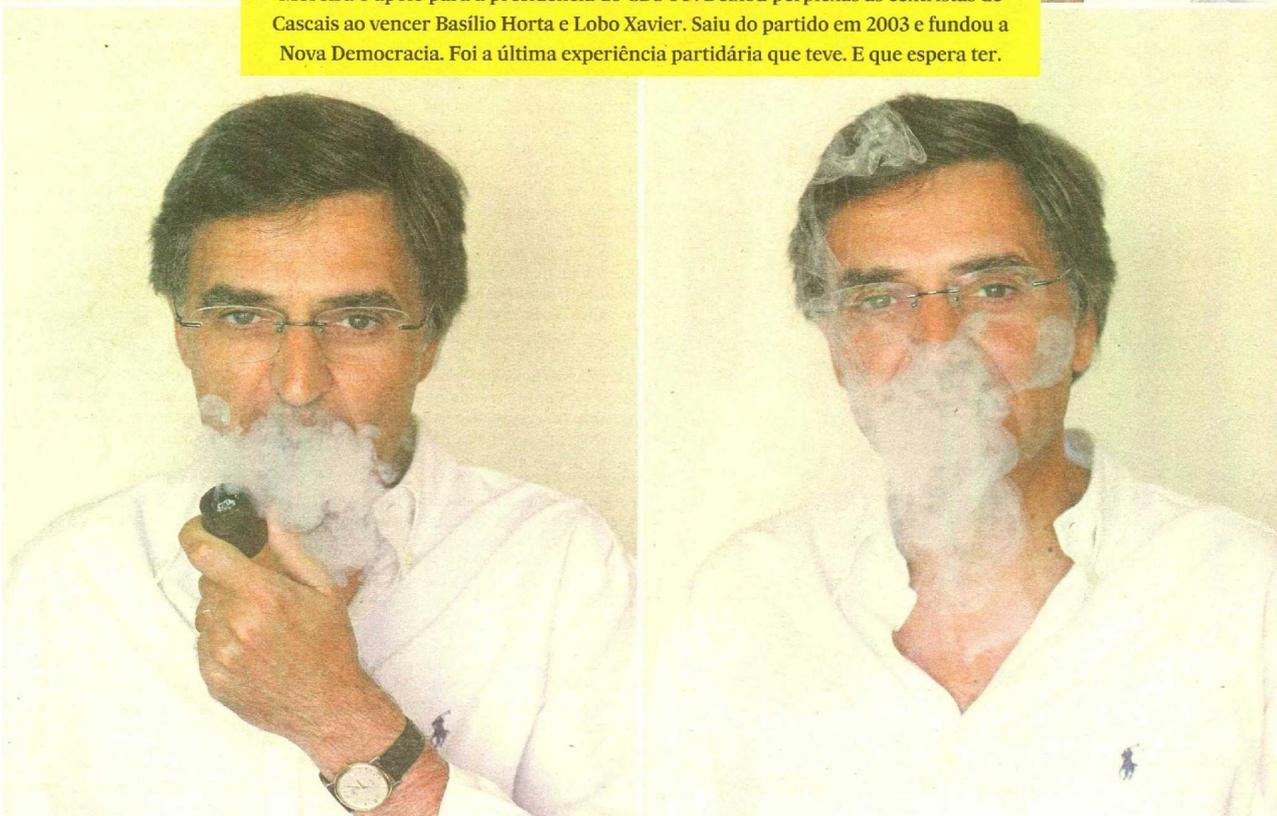
<p>i</p> <p>31-08-2013</p>	<p>Periodicidade: Diária</p> <p>Classe: Informação Geral</p> <p>Âmbito: Nacional</p> <p>Tiragem: 80000</p>	<p>Temática: Política</p> <p>Dimensão: 2487</p> <p>Imagem: S/Cor</p> <p>Página (s): 1/24 a 27</p>
----------------------------	--	---



Entrevista Manuel Monteiro. “Pela primeira vez na vida não vou votar”

 Zoom // Entrevista

Ainda estudava no Liceu Passos Manuel quando aderiu à Juventude Centrista. Em 1990 já liderava a comissão política da JC e dois anos depois recebia de Adriano Moreira o apoio para a presidência do CDS-PP. Deixou perplexas as centristas de Cascais ao vencer Basílio Horta e Lobo Xavier. Saiu do partido em 2003 e fundou a Nova Democracia. Foi a última experiência partidária que teve. E que espera ter.



Periodicidade: Diária**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 80000**Temática:** Política**Dimensão:** 2487**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/24 a 27

cido como político, mas ao mesmo tempo ser alguém que serve uma causa. Uns gostavam e outros detestavam. Diziam que era um radical, um extremista. Claro que ninguém gosta disso. Mas ao mesmo tempo tinha uma satisfação imensa. **Receia ficar colado a essa imagem de radical?**

Sinceramente, não. Fui um radical porque fui à raiz das coisas. Fui e sou contra esta coisa selvagem a que se chama liberalização. Sou adepto da economia de mercado, mas com regras. Não acredito num mundo sem barreiras e sem fronteiras onde as condições de partida, e, logo, as de chegada, são totalmente diferentes. **Conseguiu, ao longo dos anos, resolver consigo mesmo a sua saída do CDS?**

Num certo sentido, sim. Se fizer um passeio comigo pelas ruas de Lisboa...

Continua a ser uma cara do CDS. É uma marca que ficará?

Isso não me incomoda. Num determinado momento não lidava bem com isso. Quando fundei o Nova Democracia, que foi um sonho e um projecto fascinante sob o ponto de vista das ideias...

Uma substituição do CDS?
Pretendia ser uma substituição do PP, porque eu senti que o Partido Popular tinha desaparecido.

Imprimiu no CDS a identidade que desejava?

Penso que sim. Isso pode ser testemunhado com a análise dos resultados eleitorais em zonas tradicionalmente de esquerda, em que PCP tinha influência, e em comunidades que votavam à esquerda.

Ainda estava no PP e já se sentia ideologicamente afastado do partido?

Sim, e senti que havia espaço para a afirmação de um partido popular. Tentámos fazê-lo com a Nova Democracia, que pretendia ser o Partido Popular, não o CDS. Pretendeu reganhar esse espaço, que tinha todas as condições para existir.

Diz que havia espaço, mas essa tentativa de transpor o PP para a Nova Democracia...

Falhou.

Porquê?

Por variadíssimas razões. Por minha responsabilidade. Não tive arte e engenho para fazer vingar essa nova imagem. Em determinados momentos, em campanha pela Nova Democracia, havia pessoas que me garantiam que iam votar no CDS. Era evidente o falhanço de uma marca que não se tinha imposto.

Foi por isso que o projecto falhou?

Assumo os meus erros. As vitórias e as

derrotas fazem parte do jogo. Mas o sistema nunca gostou de mim. Sentiu-me sempre demasiado livre e independente. Os sistemas não gostam de pessoas assim. Gostam de controlá-las e dominá-las.

Em que momentos sentiu que estavam a tentar dominá-lo?

Foi claro quando o CDS propôs um inquérito parlamentar à privatização do Totta. Muita gente da minha área política sentiu-se profundamente incomodada e fez-me sabê-lo. As pessoas não gostavam de que alguém na direita ousasse pôr em causa uma atitude de um governo favorável à nossa área. Neste caso, Champalimaud. O sistema percebeu que eu queria ser verdadeiramente livre para actuar politicamente em nome dessa liberdade e tentou por todos os meios ao seu alcance dificultar o crescimento da Nova Democracia. Independentemente dos erros. **Esse sistema cingia-se a elementos do CDS ou era mais amplo?**

Muito mais amplo. A Nova Democracia surge na véspera das eleições europeias de 2004. Tínhamos consciência de que tínhamos um terreno supostamente mais facilitado para afirmar a nossa mensagem, até porque o CDS ia coligado com o PSD. A primeira prova evidente de reacção é que sou convidado na preparação dos debates entre os cabeças-de-lista para ir à RTP e depois sou informado de que os debates se farão sem a minha presença. A lista da AD fez comunicar que se eu estivesse presente não participaria. O sistema fez contas e percebeu que se aquele sujeito fosse eleito haveria menos lugares para todos os que já lá estão.

O afastamento da vida política activa, depois do Nova Democracia, acontece por desencantamento?

Não, essencialmente foi ter sentido que a meu desencantamento é imenso, mas mais por

“Quero acreditar que existirão razões ponderosas para [Paulo Portas] ter feito o que fez”

“O sistema nunca gostou de mim. Sentiu-me sempre demasiado livre e independente”

Manuel Monteiro tem vista privilegiada para um livro em particular, arrumado na estante. “Como Nos Livramos do Euro?”, de Jean-Jacques Rosa. O professor universitário prepara-se para trabalhar numa segunda tese de doutoramento, sobre a evolução do conceito de soberania nas constituições portuguesas

sentir que a esmagadora maioria dos dirigentes político-partidários andam a falar do mesmo. As questões de fundo não estão a ser debatidas.

O afastamento da política é definitivo?

Procurei sempre na vida conciliar o dever com o prazer. Estou fascinado com a actividade académica. Esse é o meu grande projecto, quero ser um bom professor. E isso também é política, com P grande. Intervir politicamente, estou a fazê-lo ao dar-lhe esta entrevista. Intervir do ponto de vista partidário, espero que não volte a acontecer.

Não tem saudades do combate político?

Não tenho. Adorei o que fiz. Ninguém faz actividade política sem cargos de poder supremo se não tiver uma imensa paixão pelo que faz – a não ser que esteja ali por interesses menos claros, que não foi o meu caso.

Continua a acompanhar os debates parlamentares?

Alguns sim. Quando posso, gosto de ver os debates sobre o estado da nação. Mas o entusiasmo esvai-se ao fim de cinco minutos. O parlamento funcionalizou-se em demasia e essa funcionalização retirou espaço ao deputado. O deputado é cada vez mais um funcionário partidário e cada vez menos um ser livre.

Está completamente fechado a uma intervenção mais directa?

Se surgisse a oportunidade de integrar um movimento de reflexão política que contribuisse para a mudança da sociedade e para a reflexão serena sobre as questões fundamentais – qual o modelo para a Europa e para os estados dentro da Europa, podemos ou não continuar a sustentar uma liberalização do mercado totalmente sem controlo e sem regras –, penso poder estar disponível. Mas não vou tomar a iniciativa. Custou-me imenso afastar-me da vida político-partidária, foram muitos anos de entrega intensa. Não tenho hoje qualquer atracção por disputar eleições ou ter cargos de natureza político-partidária.

Depois da Nova Democracia não voltou a pensar criar um partido? Encontrou-se com Pedro Santana Lopes.

Não, não. A pessoa com quem me encontrei, já afastado da vida político-partidária, ainda antes das eleições de 2011, foi Pedro Passos Coelho. Almoçámos pouco tempo antes das eleições legislativas, já após a sua eleição para presidente do PSD. Um almoço simpático, a convite dele.

E que opinião tinha do então candidato a primeiro-ministro?

Mais do que uma imagem positiva, tinha uma expectativa imensa. Passos Coelho



tinha feito parte do movimento Pensar Portugal, com uma visão da União Europeia muito próxima da minha. E havia uma expectativa de que a minha geração pudesse fazer algo de profundamente diferente na vida política nacional. Isso fez-me ter uma expectativa extraordinariamente positiva, que infelizmente pouco tempo depois se foi esborçoando.

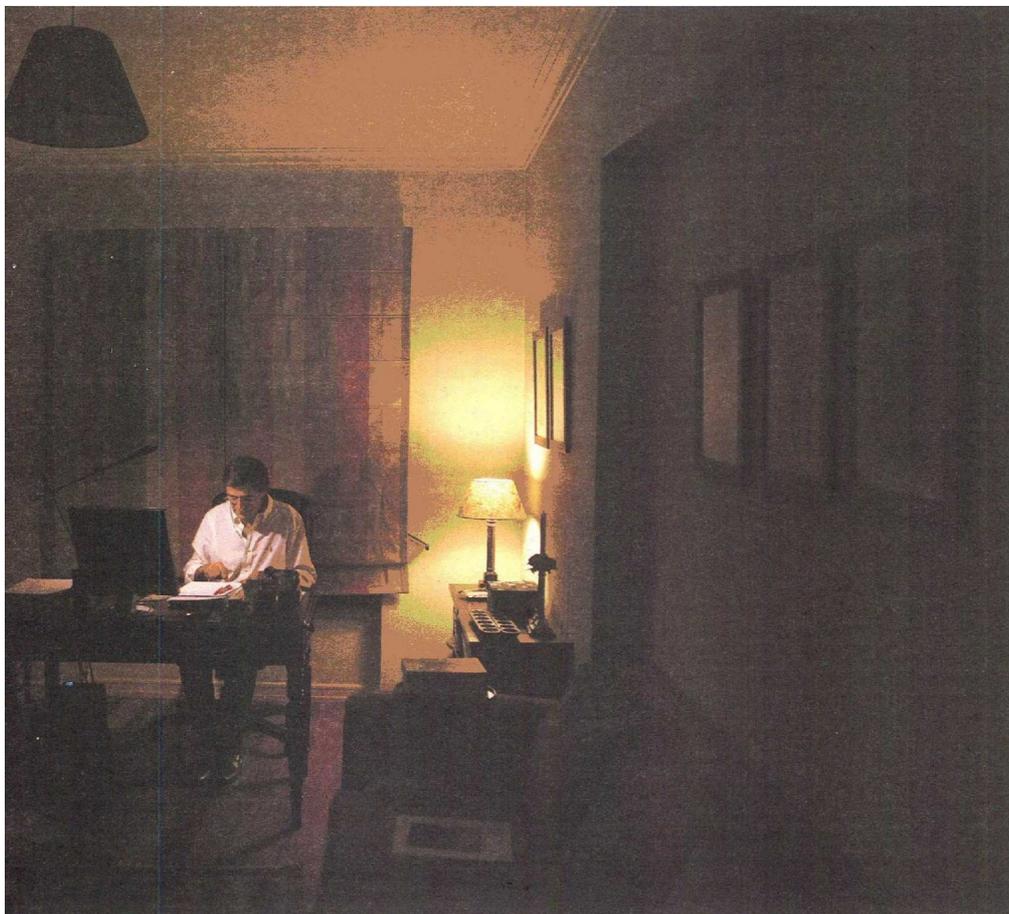
O que desfez essa expectativa?

O actual primeiro-ministro, enquanto líder do PSD, contestava as nomeações para os gabinetes dos ministérios sem critério. Isso veio a passar-se na mesma. Contestava a dimensão extravagante dos gabinetes que o anterior primeiro-ministro tinha tido. Não consta que os gabinetes actuais tenham diminuído em tamanho. **Esperava que Passos Coelho mudasse o sistema.**

Exactamente. O sistema são pessoas, são coisas simples. E a mudança começa por este tipo de coisas. Houve outras coisas que também me desiludiram. Quando se fazem anúncios ao país sobre a necessidade de fazermos sacrifícios e termos cortes nos salários e depois há a excepção para a empresa tal e para o grupo tal, isso é profundamente desmoralizador.

Afecta a credibilidade de um líder?

Afecta a credibilidade de um governo. A ideia de que vivo num país e que dentro desse país existem vários países que nunca são afectados é profundamente nega-



tivo e mostra a corrosão do sistema democrático. Devia haver um movimento em Portugal cujo lema fosse “libertar a democracia”. A democracia não é livre, está prisioneira. Nunca tivemos verdadeiramente sistema feudal em Portugal. Mas hoje temos feudalismo, temos um regime de corporações não assumido mas verdadeiramente detentor do poder político. Quem manda em Portugal não é o povo. O povo faz parte de um circo que de anos a anos participa nas eleições para vaticinar ou corroborar escolhas previamente feitas pelos grupos corporativos que realmente mandam. E esses grupos corporativos fazem-se sentir.

Os grupos que enumerou há pouco?

E até aqueles grupos profissionais com um peso tal na sociedade que condicionam as lideranças políticas a admitir exceções aos sacrifícios que são impostos à maioria dos cidadãos. Isto não é democracia, é um simulacro de democracia. E este é um problema do Sul da Europa.

Isso explica as taxas de abstenção? O povo já percebeu as regras do jogo?

Volta e meia há pessoas que ficam descansadas quando se diz que os cadernos eleitorais não estão certos e que, comparados, estamos na média europeia. Acho isto uma perversão. Eu acreditava que esta geração traria para a via política um outro comportamento, um outro distanciamento em relação aos grupos corpo-

rativos e ao feudalismo do século xx e xxi que se instaurou na sociedade portuguesa. Infelizmente, não vi mudanças nesse sentido.

Ficou surpreendido com o pedido de demissão irrevogável de Paulo Portas no início de Julho, que fez estalar a crise política?

No dia fiquei. Não me considero diferente da esmagadora maioria dos portugueses.

Mas conhece Paulo Portas melhor que a esmagadora maioria dos portugueses. Vou dar-lhe uma resposta que talvez o surpreenda. Eu não tenho qualquer tipo de relação pessoal ou política com o actual

vice-primeiro-ministro, mas como já passei aquela fase de reflexão sobre as relações pessoais creio ter ganho o distanciamento necessário para ter a expectativa de que razões maiores terão existido para ele ter considerado que afinal devia ter ficado. Um dia ele explicará eventualmente aos portugueses o que levou a fazer o que fez e a desfazer o que tinha dito tão convictamente.

Muitos viram na atitude uma forma de ganhar poder no governo.

Quero acreditar que existirão razões ponderosas para ter feito o que fez. Ao contrário do que muitas vezes pensamos, os nossos governantes já não são livres para agir como interiormente desejam. A independência nacional é hoje uma miragem. Portugal não é um país independente. Mas essa situação de resgate pode acabar. E a verdadeira independência dos governantes mede-se mais sabendo se eles são totalmente livres em relação aos grupos corporativos e aos grupos feudais, que não tenho a menor dúvida de que existem em Portugal – ao nível profissional, empresarial e financeiro.

Continua a acreditar que é possível cortar com esses grupos instalados?

Continuo. Eu não vou votar. Voto em Viana do Minho, mas desta vez não vou votar. É a primeira vez que o faz? É a primeira vez na minha vida, desde os 18 anos, que não vou votar.

“Tenho muitas dúvidas de que a maioria da classe dirigente seja independente”

“O sistema faliu. A verdadeira falência do país é a falência do regime, e o regime faliu”

Passa por aí, a mudança?

Deixei de acreditar nas revoluções de sangue. Lutei para que as pessoas votassem e se abstivessem, mas comecei a acreditar que a mudança do sistema só é viável, ou por uma profunda vaga de abstenção, ou por uma revolução pacífica.

Revolução pacífica como?

A revolução pode passar por um acesso em massa dos cidadãos aos partidos políticos, pela ocupação dos partidos pelos cidadãos. Imagine que os cidadãos decidem inscrever-se nos partidos em que depositam o seu voto. Isso seria uma revolução, porque eles transportariam para dentro dos partidos em que se revêem mudanças brutais na vida política.

Mudar o sistema por dentro.

Porque o sistema faliu. A verdadeira falência do país é a falência do regime, e o regime faliu. Só que ninguém quer assumilo, porque fazê-lo é assumir a sua própria falência. E isso é pôr em causa o seu *statu quo* e este jogo de aparente poder.

Isso não será inevitável?

Admito que sim. É profundamente negativo alguém com responsabilidades políticas não estar preocupado com estas questões. Ninguém quer assumir isso porque os actuais dirigentes estão preocupados se são ou não eleitos. O sistema acabou.

Na sua tese de doutoramento, defende mudanças na escolha dos deputados à Assembleia da República...

Só teríamos representantes em função do nível de pessoas que livremente se recenseassem e votassem. Isso obrigaria os partidos a mudar. Hoje quem domina uma estrutura partidária num determinado ponto do país determina quem é primeiro-ministro. Essa abstenção brutal faria o poder político perceber que detém o poder legal mas que tem um défice de legitimidade profundo, porque está a falar sozinho. Mas esta gente não está a escutar o silêncio. Estão preocupados com o número de pessoas que se manifestam. E o número de pessoas em silêncio é cada vez maior.

O que quer dizer esse silêncio?

Total desinteresse e afastamento. Ficam preocupados se as manifestações têm um milhão, mas estão a esquecer-se dos milhões que já não se manifestam. Ou porque deixaram de ter interesse para se manifestar ou porque nem têm condições físicas para isso. Há uma imensidão de idosos que até podem ter força física para ir à manifestação, mas têm medo de regressar a casa à noite. Esse silêncio dos idosos pode não ter repercussão, mas os filhos e os netos desses idosos, percebendo o drama dos seus avós e pais, podem fazer evoluir a bolha do silêncio.